

Anita Catarina Malfatti - 1889-1964

Estamos em Roma. A mulher, de meia idade, entra no consultório do hospital, levando ao colo sua filha de apenas três anos de idade, com o braço enfaixado e posto numa tipóia.

A mãe falava fluentemente o italiano, ainda que com um sotaque puxado para o inglês e, de sua conversa com o médico, ficamos sabendo que a menina se submetera a uma operação, na tentativa de corrigir um defeito congênito que lhe limitava os movimentos do braço e da mão, no lado direito. Como esta era a última consulta, pois mãe e filha regressariam, em seguida, ao Brasil, de onde vieram para a cirurgia, o médico achou melhor expor o caso com toda a franqueza. O braço da menina não adquiriu os movimentos naturais, como se esperava, e assim o caso era irreversível, pelo que, achava conveniente que ela fosse treinada, desde logo, a valer-se da mão esquerda para todas as atividades.

Foi assim que a pequena Anita, destra por nascimento, tornou-se canhota pela necessidade, após intenso treinamento, que a ajudou a superar as dificuldades dessa condição.

Anita Malfatti nasceu em São Paulo em 2 de dezembro 1889. Não tinha um berço de ouro, mas também não passava por dificuldades. Seu pai, o italiano Samuel Malfatti, era engenheiro. Sua mãe, dona Elisabete, de nacionalidade americana, era pintora, desenhista, falava vários idiomas e tinha uma sólida cultura, cuidando pessoalmente da educação da filha. Bem estruturada, Anita não encontrou maiores dificuldades em passar pelo exame de seleção do Mackenzie College, onde fez a Escola Normal e se formou professora, aos 19 anos.

Foi então que o destino lhe armou mais uma tragédia. Nem bem se formara e morreu-lhe o pai, a quem tinha forte apego, e que era o arrimo da família. A partir de então, a mãe passou a dar aulas de idiomas e de pintura, enquanto que, para complementar o orçamento doméstico, Anita começou também a trabalhar como professora.

O talento para a pintura, revelado pela moça, sensibilizou o tio e o padrinho. Juntos e, embora com sacrifício, conseguiram reunir uma soma em dinheiro, patrocinando a ela uma viagem de estudos à Alemanha.

Em setembro de 1910, Anita chegou a Berlim, com o período escolar em andamento, o que impossibilitava inscrever-se numa escola regular, pelo que, passou a tomar aulas particulares no ateliê de Fritz Burger. Já no início do ano seguinte, pôde matricular-se na Academia Real de Belas-Artes.

O mundo para ela era aquilo, até que, visitando uma exposição da Sounderbund (grupo de pesquisa), tomou contato com a arte dos rebeldes, desligados do academicismo ensinado nas escolas. Fascinada, aproximou-se do grupo e passou a ter aulas, primeiro com Lovis Corinth e depois com Bischoff-Culm, aprendendo pintura livre e a técnica da gravura em metal.

Regressou ao Brasil em 1914 para, logo em seguida, viajar para os Estados Unidos, terra natal de sua mãe. Matriculou-se na Art Students League, uma associação desvinculada das academias, e, sob a orientação de Homer Boss, teve a liberdade de pintar o que desejasse, com toda a força própria de criação, sem quaisquer limitações estéticas. Foi esse período que marcou a fase mais brilhante de sua criação, no qual Anita pintou *O homem amarelo*, *Mulher de Cabelos Verdes*, *O Japonês*, e vários outros quadros.

Foi à consagração de sua arte, no meio de insígnias mestres e diante de um público capaz de interpretar a beleza e as emoções contidas em suas obras. Anita estava preparada para voltar ao Brasil. Será que o Brasil estava preparado para recebê-la?

A exposição de 1917

Em 1916, com 27 anos, a pintora estava de volta ao Brasil, adulta e madura, sentindo-se suficientemente segura para expor sua nova concepção de arte, voltada para o Expressionismo.

Fiando-se nos comentários favoráveis de amigos e, particularmente, do crítico Nestor Rangel Pestana, assim como nas palavras de incentivo de modernistas como Di Cavalcanti e outros, Anita não hesitou em alocar um espaço nas dependências do *Mappin Stores*, na rua Líbero Badaró, onde, em 12 de dezembro de 1917, realizou uma única apresentação de seus trabalhos. Ninguém, nem mesmo o mais experiente frequentador do mercado de arte, poderia prever o tiroteio que seria disparado contra a jovem pintora, vindo, não das hostes inimigas, mas das trincheiras amigas, justamente das mãos de um renovador, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948).

Lobato fora, desde o início de sua carreira, um pré-modernista. Irritado com os padrões oficiais de educação e cultura, desvinculou-se das normas padronizadas da literatura, criando um estilo livre, avançado, valorizando a cultura nacional e discutindo temas voltados internamente para os problemas brasileiros. Ao contrário do que se imagina Monteiro Lobato sequer foi à exposição de Anita Malfatti. Não viu nada e não gostou do que não viu.

Mas, em artigo virulento, publicado no jornal "O Estado de São Paulo", depois de criticar as extravagâncias de "Picasso & Cia.", o escritor assestou as baterias contra Anita, esperando que as balas

ricocheteassem, atingindo seu alvo principal, que eram modernistas, companheiros da pintora. Foi uma reação inesperada, que espantou até os que conheciam o destempero do escritor, e inexplicável, pois sua editora, havia pouco tempo, publicara um livro do modernista Oswald de Andrade, cuja capa fora desenhada justamente por Anita Malfatti.

Paranoia ou mistificação

Usando como título: "Paranoia ou mistificação - A propósito da exposição Malfatti," Lobato ataca as "escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos de cultura excessiva... produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência" e, depois, explica o título de sua catilinária:

"Embora se deem como novos, como precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu como paranoia e mistificação".

"De há muito que a estudam os psiquiatras, em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que, nos manicômios, essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses;"

"e fora deles, nas exposições públicas zabumbadas pela imprensa partidária mas não absorvidas pelo público que compra, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura."

Abalo e desorientação

Nem as palavras, mas afáveis, ou menos agressivas, despejadas ao final do artigo, nem os elogios ao seu talento, colocados no início, poderiam desfazer tamanho estrago sobre a personalidade tímida e irresoluta de Anita, que caiu em forte depressão, vivendo um período de desorientação total e de descrença, um sentimento que carregou pelo resto da vida. Sua primeira reação foi o abandono total à arte. Depois, passado um ano, dando uma guinada de 180 graus, foi tomar aulas de natureza-morta com o mestre **Pedro Alexandrino Borges** (1856-1942), ocasião em que conheceu Tarsila do Amaral, início de uma longa e proveitosa amizade.

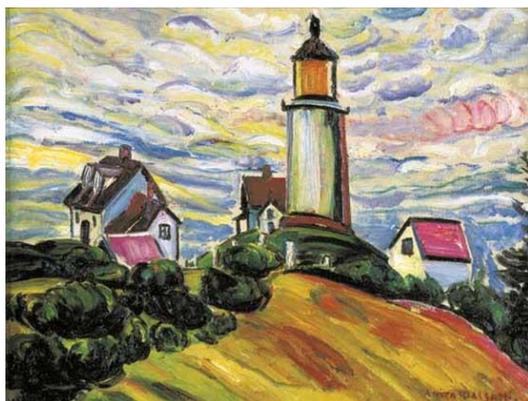
Tarsila foi para a Europa e Anita passou a estudar com outro mestre conservador, **Jorge Fischer Elpons** (1865-1939), também especialista em naturezas-mortas.

Instada por amigos, participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e, no ano seguinte, com uma bolsa de estudos, viajou a Paris, onde se encontrou com Tarsila, Oswald, Brecheret e Di Cavalcanti. De lá voltou, com a confiança recuperada, mas disposta a não se atirar em novas aventuras. Sua arte, a partir daí, virou uma *salada russa*, logo notada pelos críticos: "A Sra. Malfatti faz o viajante percorrer os séculos e os gêneros. É primitiva, clássica, e moderna avançada, faz retratos e naturezas-mortas."

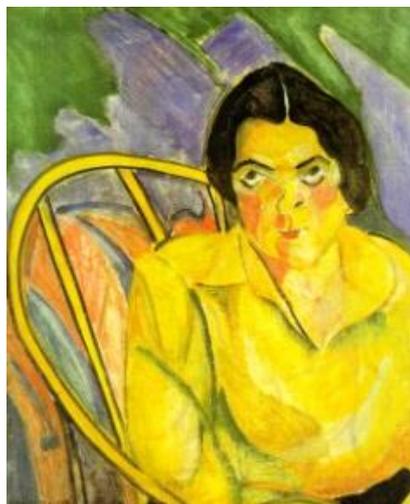
A exposição de 1917 se deu em momento errado, no local errado e com a pessoa errada. As críticas de Lobato não se dirigiam a ela mas aos modernistas, com quem o escritor tinha um ajuste de contas. Anita Malfatti se viu no meio do tiroteio e foi atingida mortalmente pelas balas perdidas.

Considerada por Pietro Maria Bardi como a maior pintora brasileira, ela jamais se recuperou do golpe sofrido. Como diria mais tarde Mário de Andrade: "Ela fraquejou, sua mão, indecisa, se perdeu."

Já com idade madura, Anita mudou-se, com sua irmã Georgina, para uma chácara em Diadema (SP), onde morreu em 6 de novembro de 1964, alienada do mundo, cuidando do jardim e vivendo seus próprios devaneios. (Paulo Victorino).



O FAROL



A BOBA